

A ESQUERDA LIBERTÁRIA

MERCADOS LIBERTOS E VOLUNTARISMO

[Quem Somos](#)
[Contato](#)

Receba artigos por e-mail

Institutos e Blogs em Português

- [Anarquista.Net](#)
- [Federalismo Proudhoniano](#)
- [Liberação Humana](#)
- [Libertyzine](#)
- [Libersiva!](#)
- [Proudhoniana](#)
- [Vento Sueste](#)

Institutos e Blogs Estrangeiros

- [Agorism Action Alliance](#)
- [Anarkismo.Net](#)
- [Association of Libertarian Feminist](#)
- [Center for a Stateless Society](#)
- [Cont'r'un](#)
- [I-studies](#)
- [Industrial Workers of the World](#)
- [Laissez Faire Club](#)
- [Left Libertarian.Org](#)
- [Left-Liberty.Net](#)
- [LiberalLaw](#)
- [Libertarian Alliance](#)
- [Lysander Spooner.Org](#)
- [Mutualism.Info](#)
- [Mutualismo.Org](#)
- [Mutualist Blog](#)
- [Mutualist.Org](#)
- [On Alliance](#)
- [Panarchy](#)
- [Rad Geek People's Daily](#)
- [Société Pierre-Joseph Proudhon](#)
- [Zodaxa](#)

Imprensa, bibliotecas e projetos

- [Alliance of the Libertarian Left](#)
- [Anarchist Yellow Pages](#)
- [Anarchopedia](#)
- [Anarkismo.Net](#)
- [Centro de Mídia Independente](#)
- [Contra Info](#)
- [Forum of the Libertarian Left](#)
- [Individualist Anarchist Resources](#)
- [Protopia](#)
- [The Anarchist Library](#)
- [The Libertarian Labyrinth](#)

segunda-feira, 20 de maio de 2013

Entrevista a Roberto das Neves, Anarquista Individualista, Escritor e Editor

Publicado originalmente na revista Planeta nº 104, Maio de 1981.

Por Flaminio Araripe

A trajetória deste incrível anarquista, individualista (no bom sentido), escritor e editor, deixa-lhe à vontade para repensar toda a história dos movimentos políticos, religiosos e das mais recentes trilhas e saídas existenciais da sociedade xarope contemporânea.

Roberto das Neves, 73 anos de idade, vegetariano desde os 16, português de nascimento, lutou na Revolução Espanhola, foi inimigo de Salazar (13 honrosas prisões), crítico do marxismo e defensor do socialismo libertário: este é o tipo de agitador que faz falta hoje. Ele ama as utopias e tem um saudável desprezo pelas instituições — por todas.

Amanhecer na Zona Norte do Rio de Janeiro. No bairro de Lins, o hospital da Marinha recebe os primeiros visitantes do dia. Sobem a rampa aventais brancos de médicos e enfermeiros, uniformes azuis e algum outro paisano sonolento. Perto dali me espera o poeta, editor e escritor individualista anarquista Roberto das Neves. Há dois anos não o vejo. Soube que de saúde ele passa bem. Talvez o vegetarianismo que segue desde os 16 anos seja a razão de suas 73 primaveras lúcidas. Na calçada do prédio onde mora este português magrinho cujo exílio o fez carioca há mais de 30 anos, sob os raios de sol da manhã alguns velhos de bermudas conversam e aquecem o couro da barriga.

Quando toco a campainha do apartamento, o chumaço de papel que substitui o olho mágico mostra os olhos claros do poeta amante da liberdade. Vejo-o, alegre, com a mesma presença de espírito, ágil, convidar-me a entrar. Roberto conserva todo o vigor satírico de sua personalidade, confirmo ao receber de suas mãos um texto sobre a história das utopias que havia preparado na véspera para "poupar maçadas". Mesmo assim instalo o gravador diante dele.

Roberto mora hoje com o seu filho, e aquela que ele chama "minha companheira" há três anos partiu. Ele parece gostar do garoto, que tem seu mesmo nome e saiu para se matricular na universidade, onde passou "com distinção" no curso de jornalismo. Noto que a pequena sala do apartamento conta com seis estantes a menos. Ficaram apenas duas delas com obras em Esperanto — que é professor —, dicionários e clássicos do anarquismo, raridades em espanhol, francês, italiano e português. Todos livros amarelados, dos autores de sua predileção: Han Ryner, E. Armand, Maria Lacerda de Moura e pensadores socialistas libertários, além de muita coisa sobre grafologia e dietética.

Parece que o lugar de actuação em múltiplas actividades de Roberto cedeu espaço para uma outra função por mim desconhecida em sua vida. Não vejo mais o arquivo com cartas colecionadas, e a mesa grande da sala entulhada de jornais anarquistas de todo o mundo já não está mais ali, embora encontre exemplares dispersos pelo apartamento. O ambiente perdeu aquela atmosfera de saudável ebulição que ficou gravada em mim na primeira visita. Ante a janela agora é o local de trabalho dele, onde nos sentamos numa mesinha amontoada de papéis sob a qual vejo espalhados envelopes do ano passado, onde certamente os leitores solicitavam livros de sua editora, a Germinal.

A importância da utopia na história

Por enquanto Roberto não edita mais. Reclama do preço do livro hoje, que "o público não lê mais, no Brasil, principalmente", embora ainda tenha obras para editar. Uma delas, cuja tradução afirma estar pronta, é "Formas de Vida em Comum sem Estado nem Autoridade", de E. Armand, a proposta que mais se identifica com a sua. Este texto tem muito a ver com a Germinal: conta as experiências práticas de comunas livres na Europa, em moldes individualistas anarquistas.

No espaço ocupado por sua editora é exercida uma actividade libertária que abrange o combate ao fumo, às doutrinas obscurantistas, ao poder, seja capitalista ou estatal, ao marxismo — "escola de ditadores" — e que é a favor do naturismo, contra a alopatia.

O escrito com que Roberto aguardou a minha presença se chama Breve História das Utopias e Colónias Experimentais Socialistas no Mundo e no Brasil.

Começa citando o historiador Max Nettlau, "o Heródoto do anarquismo", que disse do género tão escamecido por Karl Marx e Friedrich Engels: "Facilmente se desprezam as utopias, consideradas por muitos como inúteis, ilusórias, contrárias à realidade e à ciência. Guardemo-nos de seguir essas vozes secas e utilitárias. O mundo é bastante pobre,



Pesquisa

Comparti

Assine A

 Post

Artigos m

[Guia b mutual](#)
[Algum: sobre r é do S](#)
[Sim, h: ao cap Mondr: camint](#)
[O anar impos:](#)
[O Que](#)

Artigos

▶ 2014 (

▼ 2013 (

▶ Dez

▶ Nov

▶ Out

▶ Set

▶ Ago

▶ Jul

▶ Jun

▼ Mai

Hen

Entr d A

Um: d

Fraç P L P

Libe R

▶ Abri

▶ Mar

▶ Fev

▶ Jan

Temas

[Abuso p primitiva](#)
[Ajuda m trabalho](#)
[anarco-i anarqu](#)

tal como hoje se encontra, e por isso toda utopia é uma das mais belas e raras flores. O homem é verdadeiramente pobre se não afaga um sonho, se não leva no cérebro a eterna utopia de um ideal, colectivo ou individual, concebido na sua primeira juventude, construção muito variável, à qual acrescenta modificações em cada etapa de sua evolução moral e intelectual, que cresce, envelhece e morre com ele. Que vacuidade a do cérebro que não a conhece e que, por orgulho, resignação ou mera vulgaridade absoluta, não pensa mais além do presente! Pelo contrário, o carpediem vale sempre, mas os que estão absolutamente por ele são seres tão incompletos como os que vivem exclusivamente no sonho, na utopia."

Agora, com o texto manuscrito de Roberto das Neves, extraído de seu *Marxismo, Escola de Ditadores*: "A utopia é mais que um género literário, um fenómeno social de todas as épocas e uma das mais antigas formas de progresso e de rebeldia fecundante e renovadora. Porque o anseio que o homem sente – de elevar-se acima de um presente cinzento, sombrio ou injusto, só aceitável para o tirano, o usurpador, o explorador de seus semelhantes e para os homens sem horizontes, membros do panegírico rebanho humano —, converte-se em reflexão sobre o futuro, em visão do que poderá fazer-se e, finalmente, em acção, trabalho, investigação, e experiência."

Acrescenta que "nem sempre, porém, só a utopia vara as nebulosas do porvir". Porque às vezes "também a fantasia popular auxiliada pelo espectáculo dos homens primitivos", quando não havia "espoliação, restrições e repressões, se remetia a um estado de justiça, abundância e felicidade do passado". Segundo ele, é o caso da Idade de Ouro e do Paraíso, as primeiras utopias.

Roberto enumera em seguida várias criações ligadas à utopia, na literatura e na prática. Cita Platão, Rabelais, Thomas Campanella, Francis Bacon, Fenelon, Fontenelle, Montesquieu, Rousseau, Voltaire, entre outros. Menciona ainda Robert Owen e Thoreau — "verdadeiro individualista que vive a vida nos bosques" —, Tony Mollin, "mártir da Comuna de Paris, fuzilado nos Jardins de Luxemburgo", Luisa Michel, Etienne Cabet, James Guilhaume e Kropotkin.



Roberto das Neves

Frutos maduros do sonho e o encontro com Ramatis

Para ele, a relação entre os motivos que impulsionavam as primeiras comunas e as iniciativas feitas nesse sentido actualmente é nítida: "Um regime libertário, sem o dinheiro, a propriedade individual, sem autoridade do homem sobre o seu semelhante e em regime de amor livre". Quer dizer: "Sem Estado, sem tribunais nem prisões".

A ideia-motor na crítica da sociedade actual neste individualista anarquista, assim como a base que norteia todas as associações de carácter libertário, sempre é criar condições para vigorar o livre auxílio mútuo na condução dos assuntos colectivos. Com isto, visa-se preservar a soberania do indivíduo, considerado como pedra fundamental da sociedade. O libertário Roberto chega a admitir trabalhar em conjunto por um ideal revolucionário, desde que as bases do acordo para atuar em comum satisfaçam-lhe a integridade individual.

O manuscrito de Roberto defende em seguida a "Colónia Cecília", comuna de imigrantes italianos que durou 10 anos, cujo fim deveu-se à República, "mais reaccionária que o Império com D. Pedro II", de vez que resolveu cobrar impostos dos anarquistas. O mesmo texto toca, também, nas obras mediúnicas de Emmanuel, psicografadas por Francisco Cândido Xavier (*Há Dois Mil Anos*), e Hercílio Mães, Ramatis (*Viagem ao Planeta Marte*), por "reflectirem a aspiração ideal de nossa época, sem exércitos nem Estado, onde os povos se entendam por meio de um idioma comum".

Segundo ele, Ramatis o visitou e ambos encontraram pontos de aproximação entre a utopia mediúnica e a doutrina anarquista. Até no vegetarianismo estão de acordo. Mas a comunhão toma-se maior nesse "idioma comum", que imediatamente significa, para o individualista libertário, o universal esperanto. À medida que vê Ramatis reconciliar o ponto de vista espiritualista e anarquista, acusa Chico Xavier de reaccionário, embora não o tenha conhecido pessoalmente, "só de leituras".

O empreendimento autogestionário existente no município de Boa Esperança (ES) desperta-lhe entusiásticos elogios em sotaque luso. Não é por menos: do estado de falência decretada, até o posto de 22ª melhor renda entre as prefeituras brasileiras — o soerguimento da economia com base no auxílio mútuo —, é um feito de orgulhar qualquer anarquista. O bem-estar colectivo atesta o valor duma organização descentralizada e cooperativa, com solidariedade prática, o que fez com que "o poder político fosse transferido da prefeitura para as comunidades e respectivas assembleias, deixando a sede municipal de ser agência de empregos para parentes e amigos da administração".

Esta comprovada experiência do município capixaba, para Roberto, "é anarquista, embora seus organizadores não saibam disso. Pode não ter o nome de anarquia; isso não importa. Nem tudo o que tem o nome de anarquista é anarquista. E muita coisa sem esse nome é autenticamente anarquista."

"O que importa é que são focos de irradiação de novas doutrinas, de novos planeamentos."

Receita antitabagismo e toques sobre LSD

Na prática quotidiana de Roberto, porém, o seu desempenho deu-se predominantemente sozinho, na edição de livros e na pregação vegetariana com recomendações dietéticas em que responsabilizava sempre o Estado e o capitalismo pelos males da humanidade. De um panfleto de sua autoria a favor do naturismo:

capitalism
ativismo
direta ba
Benjami
capital
dominante
Cooperativ
social I
Dialética
Egoísmo E
libertaria
na econor
exploração
Fascismo
governo G
História Ig
imperialist
Intervenc
Karl Mar
Lgbt Libe
liberdade
sexual Lil
esquerd
lysander s
de Mour
Stimer
liberto
Mnorias
nacionalist
neoliberalis
Open s
Pierre-J
pirataria P
Proprieda
Reforma i
samuel
sindicalism
Voltaire
Amand éti

Seg

Iniciar s

Facebook,
Facebook c
passar a u
Paulo Guir

CAI - Coal
Individual



"O vegetariano, revolucionário de uma revolução sem sangue, que conseguiu fortalecer a sua vontade e viver saudavelmente, livre da tirania dos vícios, não fuma, isto é, não faz da boca uma fornalha e do nariz uma chaminé, porque não ignora que o vício do tabaco, parente, segundo Freud, de equivalente vício sexual, só é proveitoso para os trustes industriais, capitalistas, e para o Estado, que em todo mundo exploram e envenenam a humanidade ignara, e constituiu o primeiro passo na iniciação em outros vícios não menos perigosos, entre os quais o da maconha e o do LSD."

Contra o vício de fumar – "uma das principais fontes de renda do Estado" –, Roberto um dia pesquisou, imprimiu e distribuiu "infalível método". É o seguinte:

"Diariamente, ao levantar-se e à noite, o viciado, na posição de sentido perante um espelho, exproba-se, atirando, nas suas próprias bochechas reflectidas, frases recriminatórias e estimulantes do amor-próprio, como 'não te envergonhas, imbecil, de sustentares com prejuízo de tua saúde, da tua dignidade e do teu bolso, os Souza-Cruzes, os burocratas e lesmocratas e quejandos vagabundos? Quando criarás vergonha nessas fuças, palerma?' (Ou outro palavrão porventura ainda mais ofensivo, como estúpido, cretino, atrasado mental, imaturo, reaccionário, estalinista, fascista, burguês, otário, maricas, filho da puta.)"

"Marx, além de roubar os principais conceitos de sua obra (mais-valia, etc.) de economistas liberais, socialistas e anarquistas franceses e ingleses, chamou-os de utopistas. A maioria dessas utopias, no entanto, foi ensaiada em colônias experimentais e falanstérios. Sem a conotação marxista de 'coisa irrealizável, devaneios de loucos sem base na realidade'.

(...) Como o marxismo ainda não acabou com a divisão de classes e fortaleceu apenas uma burocracia de elite encastelada no Estado, Roberto conclui afirmando que a obra de Marx é que deve 'ser chamada de socialismo utópico – na pior acepção que os marxistas atribuem a esta expressão'.

A revolução biológica e o sistema Waerland

Ele recomenda que "quanto mais ofensiva a expressão usada, maior valor terá a erradicação do vício". Caso não apresente resultados dentro de um mês de intensivo uso do "método", "não haverá mais nada a fazer, senão esperar que um câncer providencial venha liberar o mundo de mais um idiota indigno da vida".

Roberto chama de "revolução permanente" o caminho aberto pela "alimentação- biológica", "sem drogas de farmácias, imunizado apenas pela consciência esclarecida do que estas significam, e confiante no poder regenerador dos agentes naturais". Para pensar assim, Roberto esteve aos 16 anos praticamente desenganado pelos médicos. Na sua família de sete irmãos, era o mais debilitado: "Ninguém dava nada por mim". A partir daí aderiu ao vegetarianismo, e – afirma – restabeleceu a saúde.

Esta alimentação biológica tem origem no sistema Waerland, um bromatólogo suíço de quem o poeta anarquista editou obras na sua Germinal. A particularidade dessa dieta vegetariana é a recusa de comer peixe – "o pior dos alimentos para a saúde, com maior número de bactérias de putrefacção. Para compensar, nele é usado muito sal, e isso arruina os rins. Por isso as populações ribeirinhas vivem menos". Ele ainda renega, também, alimentar-se de ovos, "menstruação de galinha", carne de aves ou qualquer animal.

No Rio de Janeiro, Roberto é um dos fundadores e consultor da pioneira Cooperativa dos Vegetarianos da Guanabara, que reúne cerca de 6 mil associados. A entidade hoje é autônoma na produção de alimentos – frutas, hortaliças, cereais, leguminosas — fornecidos pela colônia agrícola que mantém nos arredores do Rio de Janeiro, em Papuaia.

É aí que ele costuma almoçar todo dia. Para isso atravessa o Rio de Janeiro de ônibus – Lins-Praça Tiradentes –, tendo nas mãos a inseparável sacolinha onde coloca um suprimento de seus panfletos naturistas, livros de dieta e anarquistas. Nas ruas da cidade seu passo é rápido, o olhar pacífico atravessa o caos urbano, naquilo que ele chama de "sifilização cristã".

Roberto das Neves explica que se tornou anarquista individualista por "uma questão de nascimento, educação, tradição, família, etc." De seus pais herdou o ateísmo. Ainda criança iniciou-se na heresia com as primeiras perguntas sobre a existência de Deus, o que mereceu bons casquados de sua avó, por não aceitar os dogmas da Igreja. Adolescente, partiu para sabotar os templos católicos espalhando substâncias químicas malcheirosas pelo chão. Hoje, porém, ele não mais afronta os adeptos de outras crenças: "Não podemos impedir que pensem assim. Podemos exigir, no entanto, que sejam coerentes. Um cristão, que se diz cristão, se colocar ao lado dos poderosos e dos ricos — isso é que é de espantar."

Lutando contra o fascismo, contra Salazar, contra...

Ele reconhece que a Igreja hoje tem procurado "se colocar a favor dos humildes, dos pobres e lutar pela redenção humana". Lembra o ano que passou na Revolução Espanhola, quando padres lutavam ao lado de anarquistas nas providas bascas e na Catalunha, contra o fascismo. Diz ele que estes católicos vieram depois ao Brasil e puseram aqui em prática a experiência adquirida no convívio com os anarquistas, o que favoreceu o novo rumo da Igreja neste país. O poeta libertário, antes de vir ao Brasil, sob pecha de herético sofreu 13 prisões na Portugal salazarista. O refúgio mais próximo era nessa época a Espanha, onde passou 4 anos esparsos e os anarquistas estavam a pique de empreender a maior realização libertária da história (com a autogestão da Revolução Espanhola — 1936-1939). Cada poema seu editado em jornal valia uma ameaça de prisão. Por isso, atravessava a fronteira para não ser pego, até o ponto de saturação, quando Salazar interdito Portugal à sua presença. Como saída, mudou-se para o Brasil, em 1938.

Aqui, continuou na luta contra a ditadura portuguesa, colaborando com nativistas de diversas outras correntes de pensamento: liberais, socialistas, embora com o PC não se desse bem. A desconfiança dos libertários com relação ao Partido Comunista é forte. Não se esqueceram dos massacres de Kronstadt (1921) nem dos da Ucrânia (1920), quando

a participação na Revolução Russa se limitou à chancela do partido único; nenhuma organização autónoma de trabalhadores teve mais espaço reconhecido no país da "ditadura do proletariado".

"A Rússia foi um fracasso. Criou-se um capitalismo de Estado, coisa mais abominável que o capitalismo vulgar. Eles esqueceram que sua finalidade era no começo desbaratar a organização burguesa. Tornaram-se um novo imperialismo, que está associado em toda parte com os partidos políticos", acrescenta.

O marxismo mereceu de Roberto das Neves o lançamento com dedicação, pela *Geminal*, da obra *Marxismo, Escola de Ditadores* — introdução de sua autoria a *Erros e Contradições do Marxismo*, do russo *Vartan Tcherkesof*.

Desancar a "religião marxista", para quem conhece suas nobres origens, parece ser o objectivo de *Neves-Tcherkesof*. Segundo Roberto, "na obra de Karl Marx há que distinguir duas partes; uma, que é boa, mas não é dele; e outra, que é dele, mas não é boa".

Ele afirma que Marx, "além de roubar os principais conceitos de sua obra (mais-valia, etc.) de economistas liberais, socialistas e anarquistas franceses e ingleses — *Sismondi, Victor Consideram, Robert Owen, W. Thompson, Adam Smith, Blanqui, David Hume, Proudhon e Fourier*, entre outros —, chamou-os de utopistas. A maioria dessas utopias, no entanto, foi ensaiada em colônias experimentais e falanstérios. Sem a conotação marxista de 'coisa irrealizável, devaneios de loucos sem base na realidade'."

A frieza do marxismo: onde está a ciência?

"É que na Rússia o sonho e a liberdade continuam, desde Lenine, considerados como futilidades ou preconceitos burgueses. Ao devaneio tolerante, libertador e criador da utopia, preferem os marxistas o realismo frio e esterilizante do dogma", diz Roberto das Neves.

O anarquista questiona, por fim, o carácter socialista científico do marxismo, que "jamais submeteu suas teorias ao controle da experiência com o método científico, limitando-se a examinar os dados oficiais, frios e raramente exactos das estatísticas."

Como o marxismo ainda não acabou com a divisão de classes e fortaleceu apenas uma burocracia de elite encastelada no Estado, Roberto conclui afirmando que a obra de Marx é que deve "ser chamada de socialismo utópico — na pior acepção que os marxistas atribuem a esta expressão".

1952, celebração do 369 Congresso Eucarístico no Rio de Janeiro. Patrocinado pelas lojas maçónicas "*Geminal*" e "*Lusitânia Livre*", Roberto publica e distribui o folheto "*O Verdadeiro Catecismo*", que teve 5 edições. No mesmo estilo de linguagem simples da divulgação católica, com perguntas e respostas, fala de Deus — "Todo-Poderoso, porque é dele que nos vem toda a força" — e aos poucos tenta mostrar a inutilidade da Igreja na experiência religiosa quotidiana, para em seguida atacar a instituição do clero.

"O padre é o maior inimigo de Deus na Terra. Quando Jesus andou nesse mundo, já aqui encontrou igrejas e padres que viviam às expensas dos crentes." E emenda: "Os padres não servem ao povo nem a Deus, mas somente aos poderosos, para manterem jungidos os pobres aos arados dos ricos". Os abusos do clero subserviente ao poder são apontados sem piedade, no bom sentido anarquista de induzir os fiéis a olhar com os próprios olhos para as suas vidas. E, assim, eliminar os intermediários profissionais entre eles e Deus.

A participação do poder maçónico

Para escrever esse panfleto, Roberto inspirou-se nos "ensinamentos de Jesus", e recomenda nele "a bondade, que nos embeleza", a indulgência, gratidão e solidariedade humana. Finda com a afirmação de que "essa é a melhor maneira de amarmos, e servirmos a Deus".

Pergunto-lhe sobre essa intervenção e ele reconhece ter usado "o próprio linguajar deles, contra eles". Nada disso, portanto, prejudica o ateísmo de Roberto das Neves. Maçon no rito escocês, iniciado na loja portuguesa "Rebeldia", em 28, tendo alcançado grau 25, exilado no Brasil em 1948 ele entrou para a loja "Filantropia e Ordem", do Rio. O nome adotivo que trazia desde sua entrada nos pedreiros-livres, Satã, criou receios entre alguns maçons cariocas, que acreditavam ser aquilo contrário aos princípios da maçonaria.

O patrono da instituição, o Grande Arquitecto Universal, pensavam estes maçons, era Deus, que seria ofendido com o nome adoptivo Satã. Para resolver a questão, reuniu-se "uma comissão de altas entidades maçónicas", que por fim decidiu que a escolha do discípulo um tanto quanto surpreendente não feria o princípio maior da maçonaria, pois "este e Satã ou Lúcifer, o portador da luz, são a mesma entidade".

E ficou ele com o pseudónimo com que passou a assinar artigos satíricos na imprensa anarquista: jornais *Acção Directa*, do Rio, e *A Plebe*, de São Paulo. Então chamava-se doutor Satã, pois aproveitou o título obtido na universidade com tese "*Os Temperamentos e Suas Manifestações Gráficas*".

Roberto grafólogo: é uma das suas facetas. Até hoje ele tem clientes que não admitem empregados sem antes submeter a letra do candidato ao seu exame. Inclusive os noivos das filhas escrevem, e o poeta libertário vê nos rabiscos "o espelho da alma: carácter e personalidade, humor, todas as características pessoais"

Roberto costuma afirmar que os maiores pensadores do anarquismo foram maçons: *Kropotkin* — "que baseado nos arquivos da organização escreveu sobre a *Revolução Francesa*" —, *Bakunin, Max Stirner, E. Armand, Han Ry-ner, Luisa Michel, Sebastian Faure, Malatesta, Herbert Spencer, Benjamin Tucker, Jean Grave, Proudhon* — "co-autor do *Manual do Rito Moderno ou francês*" — e *Leon Tolstói*.

Sua ligação com a maçonaria vem das conferências que proferia na Europa e no Brasil em lojas, algumas clandestinas sob ditaduras, a respeito do anarquismo. Embora hoje afastado das reuniões maçónicas, "sem frequentar normalmente", reconhece o poeta que "a humanidade a ela deve muito, por ser um dinamismo que a acciona". A instituição dos pedreiros-livres, diz ele, "nos impulsionava, obrigava-nos a pensar, a estudar juntos. Pior seria se não existisse, apesar de seus defeitos".

Socialismo libertário como grande saída

Quanto aos defeitos, Roberto um dia encarou-os de frente e atirou sólidas tijoladas na acomodação da instituição que "representa o desenvolvimento, o poder e a decadência moral da burguesia" sem conservar muito da tradição revolucionária de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Na ocasião das críticas, chegou a dizer: "A sociedade secreta, que hoje subsiste com o nome de maçonaria, se quiser sobreviver, tem de adoptar um novo objectivo: o socialismo libertário. Só ele concilia os direitos inalienáveis do indivíduo com as soluções colectivas. Se tem que preparar os espíritos para a Anarquia. Uma sociedade sem escravos nem senhores, sem fronteiras nem exércitos, sem Estado nem propriedade de uns em detrimento dos que a trabalham. Uma sociedade em que os indivíduos saibam governar-se dispensando o Estado — em que o governo dos homens seja substituído pela administração das coisas."

Encontra-se dentro dessa polémica suscitada dentro da organização maçónica todo o ateísmo anarquista, que Roberto procura esclarecer. "A maçonaria", prossegue, "fez reviver e popularizou nas sociedades modernas que o universo não tem começo nem fim: está em permanente devir. No universo regido pela lei da evolução permanente, portanto, Deus não tem nada que fazer. Tudo é força da mecânica molecular, do átomo em suas variações, eterna e infinitamente combinadas pelo próprio dinamismo, sem um ordenador, sem força externa."

"Falta, sobretudo, na sociedade de hoje, solidariedade, livre acordo mútuo nas organizações e sobre autoridade, mando sobre os semelhantes do homem."

"Nunca tive simpatia pelas maiorias"

Transportado para o terreno filosófico, político e sociológico, esse princípio da maçonaria teve impulso renovador sobre as instituições vigentes: "Derrubou as monarquias do direito divino, o feudalismo e a Inquisição, tão caras à Religião e a Deus (sinónimo do culto do passado, de tirania, de estagnação e morte)".

A aliança entre o despotismo e a religião, o poder e a mistificação religiosa, a "Espada e a Cruz é de todos os tempos", revela Roberto. "O Estado, ou seja, a Autoridade, a opressão do homem pelo seu semelhante, é uma injustiça, uma imoralidade, absurdo tão gritante que é necessário que a Religião venha abençoá-lo em nome de Deus para que os homens acatem e submetam o pescoço à canga."

Finaliza o ateu: "Os homens não necessitam da hipótese Deus para meditar, mover-se, comer, beber, defecar, amar, praticar uma boa acção, sentir as emoções do belo e do elevado, viver. Deus não é só indiferente perante as volições de cada um, mas repugna à inteligência de muitos. A minha, jamais, desde a infância, pôde concebê-lo."

Faço-lhe perguntas procurando uma reconciliação, que os anos avançados talvez possam trazer, com a espiritualidade:

"Reconhece que essa dimensão espiritual faz parte da vida humana?", digo.

"É um ponto de vista diferente do nosso. (...) Não tenho motivo algum para abjurar dos meus pontos de vista. Sou isso desde os 10 anos. Eu no fundo sou individualista, embora aceite muitas vezes o comunismo libertário, que é menos perigoso do que o outro comunismo à maneira russa. Isso quando não se está preparado ainda para uma coisa de maior expressão em bases individualistas, o que supõe uma mentalidade que a humanidade não atingiu."

"Diante das correntes de esquerda hoje em actividade, você não fica marginalizado?", interrogo.

Com calma vem a resposta: "Eu sempre me considerei membro da minoria. Nunca tive simpatia pela maioria, tão habituado estou a ver que a maioria é constituída por imbecis, por analfabetos, por hipócritas."

Indago ainda se ele vê alguma virtude na revolta.

Segundo Roberto das Neves, "a revolta é indispensável. Se não há revolta, o mundo continua como está. É preciso, porém, saber aplicar a revolta."

Quero saber se ele é adepto do pacifismo.

"Sim. De vez em quando, diante de um hipócrita ou de um covarde não recorro à violência das armas. Procuro a arma da sátira."

Faço mais uma pergunta a respeito da revolta, se ela não pode enfim amargurar a vida de uma pessoa.

Ele confirma. Explica: "Mas o mundo não caminha sem amargura, sem sofrimento, infelizmente."

Roberto, todavia, não deixa de fazer com gosto o seu trabalho. Mantém intacto o sentido ético no relacionamento humano, vê-se nele alguém afável, atencioso, de vez em quando gozador, porém nunca odioso. Várias vezes interrompe a entrevista para fazer-me perguntas pessoais, e se mostra interessado nas respostas.

Provado: a falência das instituições

As ideias anarquistas nele já estão amadurecidas, frutos de muitas reflexões, estudo e inspiração, pois se trata de um poeta. Sua musa inspiradora, pode-se dizer, é a anarquia. É ela que lhe abre os olhos para as injustiças e o coração para as alegrias da vida. Anteriormente, a questão social aparecia em seus livros em primeiro plano. Agora, no que editou, transparece mais a preocupação com o naturismo, se bem que no balanço final, quando ele formula a noção de "sifilização cristã", dá no mesmo. Todas as instituições ocidentais cabem dentro da deterioração interna por ele apontada.

Falta, sobretudo, na sociedade de hoje, solidariedade, livre acordo mútuo nas organizações – ele dá a entender —, e sobre autoridade, mando sobre os semelhantes do homem. No casamento, na questão da mulher, na criação das crianças, a contaminação do poder é abusiva. Ao mesmo tempo Roberto atesta a falência das instituições: na mulher ou no marido que traem a relação matrimonial, no filho que cresce revoltado e na mulher que aproveita as mínimas brechas para improvisar uma desforra dos anos de subjugação.

Provoco-o um pouco mais em busca de alguma fé recôndita. Insisto em obter dele uma confissão qualquer de espiritualidade. Toco no momento Nova Era e questiono as afinidades que tenha com suas ideias.

"Muitas, Estou inteiramente de acordo. Eles recusam a prestação de serviço militar: não querem matar pessoas de quem não tenham razão de queixa. Nem morrer."

"Mas isso não tem um fundo místico-cristão?", digo só para pôr lenha na fogueira.

"Nem todos", afirma ele. "E, ainda que tenham, a gente perdoa."

"Segundo a Nova Era, a humanidade, a superar o carma que tem a cumprir, virá com mentalidade mais evoluída", comento.

Roberto espera isso: "Não afirmo que virá, mas espero que venha."

Ele tem esperanças "de que a humanidade reconheça que é estúpida, que muitas ações que vem tomando não se justificam. Como, por exemplo, matar e morrer, querer o salvador, o infalível, o proprietário único da verdade. A civilização moderna, aquilo que chamo de sifilização cristã..."

Aproxima-se o meio-dia: hora de irmos até o centro de ônibus, almoçar no vegetariano da cooperativa. O Rio está nublado.

Veja também:

- *Centenário do nascimento de Roberto das Neves, o mais conhecido anarquista individualista português*, por Manuel Pedroso Marques - Blog Pimenta Negra

Postado por Administrador às 20:00



Recomende isto no Google

Marcadores: [anarco-individualismo](#), [anarquismo](#), [Autoritarismo](#), [comunismo](#), [individualismo](#), [Liberalismo](#), [liberdade.br](#), [marxismo](#), [socialismo](#), [Vegetarianismo](#)

[Postagem mais recente](#)

[Início](#)

[Postagem mais antiga](#)

Modelo Simple. Tecnologia do [Blogger](#).